



Um passarinho me contou...

HISTÓRIAS PARA PRESERVAR



10 ANOS

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Presidente
Michel Temer

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA)

Ministro de Estado do Meio Ambiente
José Sarney Filho

Secretário Executivo
Marcelo Cruz

Secretário de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental
Edson Duarte

GOVERNO DE BRASÍLIA

Governador
Rodrigo Rollemberg

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE – SEMA

Secretário
André Rodolfo de Lima

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS HÍDRICOS DO DISTRITO FEDERAL – BRASÍLIA AMBIENTAL (IBRAM)

Presidente
Jane Maria Vilas Bôas

Superintendente de Estudos, Programas, Monitoramento e Educação Ambiental (SUPEM)
Vandete Inês Maldaner

Coordenador de Educação Ambiental e Difusão de Tecnologias (CODEA)
Luiz Henrique Caixeta Gatto



Um passarinho me contou...

HISTÓRIAS PARA PRESERVAR

Ilustrações de alunos das escolas: Escola Classe Ipê e
Centro Educacional Agrourbano Ipê Riacho Fundo (CAUB I)

Organização:

Equipe de Educação Ambiental do
Instituto Brasília Ambiental (IBRAM)

Riacho Fundo II
Brasília - DF
2017



©2017. Instituto Brasília Ambiental – IBRAM
Coleção Comunidades de Conservação – ARIE Granja do Ipê
Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Venda proibida.
Textos adaptados dos livros da coleção: As mais belas parábolas de todos os tempos.

ISBN: 978-85-68931-05-9.
Tiragem: 2.500 exemplares.
Impresso no Brasil

Equipe de Educação Ambiental do IBRAM

Aline Barreto
Antônio Ângelo da Silva
Cristiane Damasceno Silva Pimenta
Luis Gustavo Alves Peres
Luiz Felipe Blanco de Alencar
Marcus Vinícius Falcão Paredes
Mariana Ferreira dos Anjos

Jovem aprendiz - Programa Brasília Mais Jovem Candango

Anna Lara Santos Costa

Parcerias

Associação dos Produtores Rurais e Moradores do CAUB I, Centro Educacional Agroubano Ipê Riacho Fundo (CAUB I), Conselho Gestor da ARIE, Escola Classe Ipê, Movimento Diálogos da Granja do Ipê, Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento Rural, Secretaria de Educação e Unipaz DF

Apoio

Câmara dos Deputados

Realização

Comunidade do Riacho Fundo II, Instituto Brasília Ambiental (IBRAM), e Ministério do Meio Ambiente (MMA)

ESCOLA CLASSE IPÊ

Professores facilitadores: Andréa Rollemberg, Érika Viviane N. Coelho, Maria Idalina, Marcília de Oliveira P Assunção, Marlene Tolentino, Martha Armini Pedrinha, Militina A.E.D. Werly, Karla Núbia, Renata Dayane de Oliveira e Viviane Medeiros.

Direção: Leisy Regina de Oliveira Lino

Vice: Erika Viviane do Nascimento Coelho

Coordenação Pedagógica – séries iniciais: Karla Núbia de Oliveira, Juliana de Fátima Araújo e Martha Aernini Pedrinha

Endereço: SMPW Trecho 2 Q. 8 Conjunto 2, 2 – Área Especial Granja do Ipê, Brasília – DF
CEP: 71701-970

Telefone: (61) 3901-7665

E-mail: escolaclasseipe@gmail.com

CENTRO EDUCACIONAL AGROURBANO IPÊ RIACHO FUNDO (CAUB I)

Professores facilitadores: Marlene Pereira; Cátia Dorneles, Daniela Silva de Moraes e Meire Lane Pereira.

Direção: Sheila Pereira da Silva Mello

Vice: Gedilene Lustosa Gomes de Almeida

Supervisão Pedagógica: Ingrid Ceciliano de Souza

Endereço: CAUB I – Riacho Fundo II, Brasília – DF
CEP: 71884-690

Telefone: (61) 3901-8069

E-mail: cedagroubano@gmail.com

Blog: http://agroubanoipe.mocambos.net

PRODUÇÃO EDITORIAL

Capa: Eron de Castro

Ilustrações: Ilustrações dos alunos da E.C. Ipê e CEF Caub I

Normalização: Mariana dos Anjos

Organização: Equipe de Educação Ambiental do IBRAM

Pesquisa: Aline Barreto, Marcus Paredes e Luiz Gatto

Projeto gráfico e editoração: Marcus Paredes e Eron de Castro

Textos adaptados por: Aline Barreto

Revisão: Carmen Menezes

Impressão: Ace Comunicação e Editora – (61) 99695-5692

Distribuição: Gerência de Educação Ambiental em Unidades de Conservação – GEauc

Endereço: SEPN 511, Bloco C, Edifício Bittar, CEP: 70.750-543.

Telefone: (61) 3214-5690

E-mail: codea@ibram.df.gov.br

Disponível também em:

http://www.ibram.df.gov.br



Comunidades de Conservação

As experiências nacionais e internacionais de gestão de Unidades de Conservação (UC) mostram que, se queremos que nossos projetos de conservação tenham vida longa, precisamos do apoio da sociedade. Nossa prática local já mostrou algumas vezes que, quando tentaram construir *shoppings* em cima de parques e nascentes, foi o abraço da comunidade de usuários que os protegeu.

Assim, quando tomamos conhecimento de que havia uma emenda parlamentar destinada ao Instituto Brasília Ambiental - IBRAM para trabalhar com educação ambiental na ARIE - Área de Relevante Interesse Ecológico na Granja do Ipê, já sabíamos que a melhor estratégia seria promover o envolvimento dos moradores do entorno com a ARIE, mas tomamos a decisão de não iniciar nenhum novo projeto antes de consultar a comunidade. Melhor fortalecer iniciativas já existentes do que começar do zero. Melhor ainda fazer “com” as pessoas do que fazer “para” as pessoas.

Grata foi nossa surpresa ao encontrar não apenas um terreno fértil, mas sim ações concretas dando frutos. A comunidade já havia organizado espontaneamente um grupo de defesa da ARIE, o Movimento Diálogos da Granja do Ipê, que deu origem ao Conselho Gestor da unidade em 2016. Os professores e alunos de uma escola haviam criado um guia da biodiversidade local, em outra estavam organizando uma feira de ciências ambiental.

O mais inteligente a fazer, portanto, era potencializar, dar suporte, adubar essa lavoura de ações “nativas” que desabrochavam por ali. Dentro da lógica do “fazer com”, foi o próprio grupo de educação ambiental do Movimento que decidiu que os recursos do projeto deveriam ser investidos na sinalização educativa da ARIE e na produção de quatro publicações de apoio às ações pedagógicas, entre elas essa que você tem em mãos.

A inovação do projeto veio com a decisão da equipe de educadores ambientais do IBRAM de fazer TUDO de forma participativa, das definições prévias à construção e produção de conteúdos, da execução à avaliação das ações. Foram propostas e testadas metodologias complexas de trabalho coletivo, que transferem aos participantes a auto-

ria dos trabalhos. Ao passarem da condição de objeto para sujeito da ação educativa, acreditamos que brotará entre as comunidades atendidas o real sentimento de pertencimento e o consequente desejo de proteger e conservar a ARIE, os materiais produzidos e o meio ambiente de modo mais abrangente.

No Instituto Brasília Ambiental o projeto já deu seus frutos, tendo sido adotado como metodologia de trabalho para educação ambiental em UC, com previsão de replicação em pelo menos mais duas unidades da Bacia do Riacho Fundo. A essa metodologia foi dado o nome de: Comunidades de Conservação.

Por essa colheita, gostaríamos de agradecer especialmente à deputada Erika Kokay, pela semente plantada em 2015 com a destinação de parte de sua cota de recursos de emenda parlamentar, e ao Ministério do Meio Ambiente, pela parceria no convênio que executou o projeto. Não poderíamos também deixar agradecer e destacar o protagonismo apaixonado da Universidade da Paz – Unipaz DF e, mais especificamente, de sua pró-reitora Regina Fittipaldi, na mobilização dos parceiros e colaboradores. Finalmente, após a colheita vem a celebração, quando gostaríamos de dividir os frutos desse projeto com todos os participantes, cuja extensa lista não podemos citar nominalmente, mas, rogamos: sintam-se todos representados no agradecimento que fazemos aos movimentos sociais e as instituições parceiras:

Associação dos Produtores Rurais e Moradores do CAUB I
Câmara dos Deputados
Centro Educacional Agroubano Ipê Riacho Fundo (CAUB I)
Conselho Gestor da ARIE
Escola Classe Ipê
Ministério do Meio Ambiente
Movimento Diálogos da Granja do Ipê
Movimento Mutirão Agroflorestal
Movimento Virada do Cerrado 2016
Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento Rural
Secretaria de Educação
Secretaria do Meio Ambiente
Unipaz DF

Equipe de Educação Ambiental do IBRAM



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

U48	Um passarinho me contou: histórias para preservar / ilustrações de alunos das escolas: Escola Classe Ipê e Centro Educacional Agroubano Ipê Riacho Fundo (CAUB I); organização Equipe de Educação Ambiental do Instituto Brasília Ambiental - IBRAM; coleção Comunidades de Conservação – ARIE Granja do Ipê. – Riacho Fundo II Brasília-DF : IBRAM, 2017. 32 p. ; il. ISBN 978-85-68931-05-9 1. Educação ambiental. 2. Parábolas. 3. Contação de histórias. I. Escola Classe Ipê. II. Centro de Ensino Fundamental Agroubano Ipê Riacho Fundo. III. Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal (IBRAM). IV. Comunidade de Conservação (coleção). V. ARIE Granja do Ipê – Riacho Fundo II - Distrito Federal (região). VI. Título. CDU – 37:504(817.4)
-----	--

Ficha elaborada pela Bibliotecária Mariana Ferreira dos Anjos – CRB 1976

O que é uma ARTE?

Uma ARIE (Área de Relevante Interesse Ecológico) é uma área de terra que apresenta características naturais muito especiais, com rios e nascentes importantes, bichos e plantas raras que formam uma paisagem única na região. Contudo, essas terras podem ser de propriedade do governo e/ou de particulares, mas nós, cidadãos e governo, temos o dever de protegê-las. Para isso, são criadas algumas restrições de uso, como, por exemplo: não construir fábricas, mercados ou muitas ruas asfaltadas dentro ou muito próximas da área, justamente para evitar o risco de acidentes ambientais. A ARIE é Unidade de Conservação prevista no Sistema Nacional de Unidades de Conservação, devendo possuir um plano de uso, em que são estabelecidas regras locais da forma de uso e ocupação, a fim de preservar os recursos naturais, evitando a extinção da fauna e da flora local, possibilitando a sustentabilidade, ou seja, que as futuras gerações possam ter a oportunidade de conhecer o local.

A ARIE da Granja do Ipê leva esse nome em homenagem a Israel Pinheiro, o primeiro administrador de Brasília, e foi criada pelo Decreto n. 19.431, de 15 de julho de 1998,

entre as regiões Administrativas: Riacho fundo II – RA XVII e Park Way – RA XXIV. Tem como objetivos: conservar, na região, as diversas fitofisionomias de cerrado; garantir a proteção do córrego Capão Preto, Coqueiros e córrego do Ipê; preservar o sítio arqueológico e ponto de alta relevância histórica, como a Mesa JK, local de encontro do ex-presidente Juscelino Kubitschek com a equipe de governo na época da construção de Brasília; recuperar as áreas degradadas; promover programa de educação ambiental, com vivência ecológica e pesquisa científica. Por possuir, em grande quantidade, reservas de cascalho laterítico, esta região foi

muito explorada desde o início da construção de Brasília para pavimentação de vias, o que deixou um grande passivo ambiental a ser recuperado. As principais ameaças sofridas pela ARIE são: a pressão imobiliária, além do fogo criminoso, degradação de nascente e trilhas de veículos em locais sensíveis da natureza, como campos de murundus e nascentes.



Riacho Fundo I

Fazenda Sucupira da Embrapa

SEAGRI

Escola Classe Ipê

Unipaz

Mesa JK

CAUB I

Limites e vias de acesso

Limite sul com Estrada Parque do Ipê (EPIP) DF-065, ao sudeste com SMPW Quadra 8 Conjunto 3. Acesso pela Estrada Parque Indústria e Abastecimento (EPIA) DF-003 e Estrada Parque do Ipê (EPIP) DF-065.

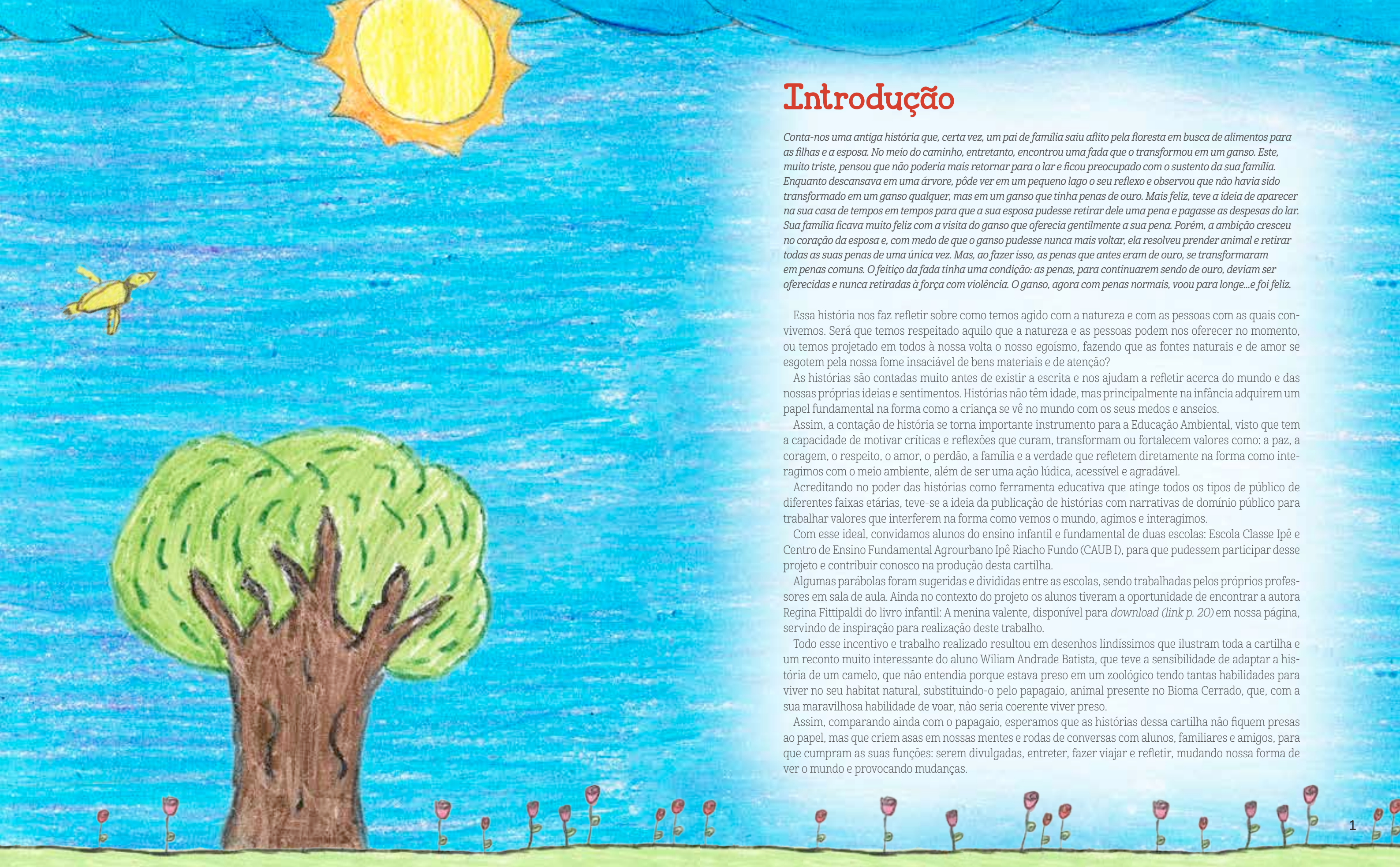


Lista de ilustrações

Ilustração 1 — A menina do vestido azul. Geovana Correia Medeiros, 7 anos, 2º ano. Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Renata Dayane de Oliveira e Viviane Medeiros.	2
Ilustração 2 — O monge e o escorpião. Anthoni J. Hugo Climério, 7 anos, 2º ano. Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Renata Dayane de Oliveira e Viviane Medeiros.	4
Ilustração 3 — O que é o amor? Luísa da Costa Vieira, 8 anos, 3º ano. Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Andréa Rollemberg, Martha Armini Pedrinha e Érika Viviane N. Coelho.	6
Ilustração 4 — O que é o amor? Carlos Daniel Soares Freire, 8 anos, 3º ano. Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Érika Viviane N. Coelho, Andrea Rollemberg e Martha A. Pedrinha.	7
Ilustração 5 — A ratoeira. Thayllane Castro da Silva, 9 anos, 4º ano. Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Marcília de Oliveira P. Assunção, Militina A.E.D. Werly	8
Ilustração 6 — Cuidando da sua tarefa. Vitória Castro Daniel, 6 anos, 1º ano. Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Karla Núbia e Maria Idalina.	10
Ilustração 7 — O retrato da paz. Mario Júlio Barros de Araújo, 9 anos, 5º ano. Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Marlene Tolentino e Marli Mundim.	12
Ilustração 8 – Otimismo. Raphael Gilson de Albuquerque, 12 anos, 5º ano. Escola CAUB I, Professora facilitadora: Marlene Pereira.	13
Ilustração 9 — O que estou fazendo aqui?. Vitória Rodrigues Barbosa, 9 anos. 5º ano Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Marlene Tolentino e Marli Mundim	14
Ilustração 10 — No lugar certo. Wiliam Andrade Batista, 9 anos, 5º ano. Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Marlene Tolentino e Marli Mundim.	15
Ilustração 11 — A gota d’água. Brenda Almeida Silva, 8 anos, 2º ano. Escola CAUB I, Professora facilitadora: Cátia Dorneles.	16
Ilustração 12 — Base forte. Bruno Silva Santos, 10 anos, 3º ano. Escola CAUB I, Professora facilitadora: Daniela Silva de Moraes.	17
Ilustração 13 — A verdadeira força. Luana Pereira de Oliveira, 8 anos, 3º ano. Escola CAUB I, Professora facilitadora: Meire Lane Pereira.	18

Sumário

Comunidades de Conservação	v
O que é uma ARIE?	vi
Lista de ilustrações	viii
Introdução	1
A menina do vestido azul	3
O monge e o escorpião	5
O que é o amor?	6
A ratoeira	9
Cuidando da sua tarefa	11
O retrato da paz	12
Otimismo	13
O que estou fazendo aqui?	15
Reconto feito pelo aluno William, aluno do 5º ano A da Escola Classe Ipê ...	15
A gota d’água	16
Base forte	17
A verdadeira força	19
Referências bibliográficas	20



Introdução

Conta-nos uma antiga história que, certa vez, um pai de família saiu aflito pela floresta em busca de alimentos para as filhas e a esposa. No meio do caminho, encontrou uma fada que o transformou em um ganso. Este, muito triste, pensou que não poderia mais retornar para o lar e ficou preocupado com o sustento da sua família. Enquanto descansava em uma árvore, pôde ver em um pequeno lago o seu reflexo e observou que não havia sido transformado em um ganso qualquer, mas em um ganso que tinha penas de ouro. Mais feliz, teve a ideia de aparecer na sua casa de tempos em tempos para que a sua esposa pudesse retirar dele uma pena e pagasse as despesas do lar. Sua família ficava muito feliz com a visita do ganso que oferecia gentilmente a sua pena. Porém, a ambição cresceu no coração da esposa e, com medo de que o ganso pudesse nunca mais voltar, ela resolveu prender animal e retirar todas as suas penas de uma única vez. Mas, ao fazer isso, as penas que antes eram de ouro, se transformaram em penas comuns. O feitiço da fada tinha uma condição: as penas, para continuarem sendo de ouro, deviam ser oferecidas e nunca retiradas à força com violência. O ganso, agora com penas normais, voou para longe...e foi feliz.

Essa história nos faz refletir sobre como temos agido com a natureza e com as pessoas com as quais convivemos. Será que temos respeitado aquilo que a natureza e as pessoas podem nos oferecer no momento, ou temos projetado em todos à nossa volta o nosso egoísmo, fazendo que as fontes naturais e de amor se esgotem pela nossa fome insaciável de bens materiais e de atenção?

As histórias são contadas muito antes de existir a escrita e nos ajudam a refletir acerca do mundo e das nossas próprias ideias e sentimentos. Histórias não têm idade, mas principalmente na infância adquirem um papel fundamental na forma como a criança se vê no mundo com os seus medos e anseios.

Assim, a contação de história se torna importante instrumento para a Educação Ambiental, visto que tem a capacidade de motivar críticas e reflexões que curam, transformam ou fortalecem valores como: a paz, a coragem, o respeito, o amor, o perdão, a família e a verdade que refletem diretamente na forma como interagimos com o meio ambiente, além de ser uma ação lúdica, acessível e agradável.

Acreditando no poder das histórias como ferramenta educativa que atinge todos os tipos de público de diferentes faixas etárias, teve-se a ideia da publicação de histórias com narrativas de domínio público para trabalhar valores que interferem na forma como vemos o mundo, agimos e interagimos.

Com esse ideal, convidamos alunos do ensino infantil e fundamental de duas escolas: Escola Classe Ipê e Centro de Ensino Fundamental Agrourbano Ipê Riacho Fundo (CAUB I), para que pudessem participar desse projeto e contribuir conosco na produção desta cartilha.

Algumas parábolas foram sugeridas e divididas entre as escolas, sendo trabalhadas pelos próprios professores em sala de aula. Ainda no contexto do projeto os alunos tiveram a oportunidade de encontrar a autora Regina Fittipaldi do livro infantil: A menina valente, disponível para [download \(link p. 20\)](#) em nossa página, servindo de inspiração para realização deste trabalho.

Todo esse incentivo e trabalho realizado resultou em desenhos lindíssimos que ilustram toda a cartilha e um reconto muito interessante do aluno Wiliam Andrade Batista, que teve a sensibilidade de adaptar a história de um camelo, que não entendia porque estava preso em um zoológico tendo tantas habilidades para viver no seu habitat natural, substituindo-o pelo papagaio, animal presente no Bioma Cerrado, que, com a sua maravilhosa habilidade de voar, não seria coerente viver preso.

Assim, comparando ainda com o papagaio, esperamos que as histórias dessa cartilha não fiquem presas ao papel, mas que criem asas em nossas mentes e rodas de conversas com alunos, familiares e amigos, para que cumpram as suas funções: serem divulgadas, entreter, fazer viajar e refletir, mudando nossa forma de ver o mundo e provocando mudanças.

Ilustração 1 — A menina do vestido azul. **Geovana Correia Medeiros, 7 anos, 2º ano.**
Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Renata Dayane de Oliveira e Viviane Medeiros.



A menina do vestido azul

Um passarinho me contou uma história sobre uma menina muito bonita, mas, por conta de andar sempre com os cabelos despenteados e com o rosto sujo, as crianças da rua e da escola não a chamavam para brincar.

A professora da menina, observando aquela situação, pensou que talvez um pequeno incentivo pudesse mudar a realidade.

A professora então resolveu economizar seu dinheiro. Ao invés, por exemplo, de comer na rua, passou a cozinhar o próprio alimento em casa, pois assim ficava muito mais barato. Ao final do mês, com o dinheiro que ela havia conseguido economizar, comprou um lindo vestido azul para presentear a sua aluna.

Quando a menina recebeu o seu presente, ficou tão feliz, que foi correndo para casa mostrá-lo para a sua mãe. A mãe quando viu o presente disse:

— Nossa, minha filha! Um vestido azul assim tão lindo não pode ser usado por uma menina com os cabelos tão desarrumados... Ultimamente tenho trabalhado muito e sei que não tenho cuidado de você direito. Vamos já para o chuveiro que a mamãe vai te ajudar a se arrumar e a ficar bem bonita.

Depois do banho, com duas lindas tranças em seus cabelos, a menina ficou linda e passou a ter muitos amigos, até as suas notas na escola melhoraram.

O pai, que quase não reconheceu a própria filha, observando aquela mudança, disse para a sua esposa:

— Mulher! Você não acha que a nossa casa está muito bagunçada não? Sei que temos passado dificuldade, mas com pouco podemos deixar a nossa casa mais arrumada... Temos uma filha tão linda que não combina com essa casa caindo aos pedaços não...

Assim, os pais da menina começaram a arrumar aos poucos a casa, endireitando as portas, as janelas, tampando os buracos do telhado, tirando lixo do quintal e plantando um lindo jardim.

Os seus vizinhos, olhando aquela transformação, para não ficarem para trás e com um pouquinho de dor de cotovelo, começaram a mudar as suas casas também, deixando-as mais limpas e floridas.

Porém, por mais que as casas ficassem arrumadas, a rua ainda estava cheia de problemas, com vários buracos por onde escorria o esgoto. Então os moradores resolveram se unir e cobraram do prefeito algumas reformas na cidade.

Com o tempo, as casas, as ruas, o bairro e a cidade foram se transformando. E pensar que toda essa mudança começou com um simples vestidinho azul...



Ilustração 2 — O monge e o escorpião. **Anthoni J. Hugo Climério, 7 anos, 2º ano.**
Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Renata Dayane de Oliveira e Viviane Medeiros.

O monge e o escorpião

Um passarinho me contou que, certo dia, um monge e seus discípulos, ao fazerem uma caminhada matinal pela estrada, viram que um pequeno escorpião se afogava em uma poça d'água.

O monge, sem pensar duas vezes, abaixou-se imediatamente para retirar da água, com as próprias mãos, aquele pequeno animal que corria risco de morte. O escorpião, seguindo o seu instinto de defesa, picou a mão daquele que tentava ajudá-lo. Com a dor, o monge deixou o escorpião cair novamente na água. Foi quando teve a ideia de pegar um galho seco no chão para mais uma vez tentar salvar a vida daquele animal. Dessa vez deu certo, e o escorpião rapidamente fugiu para dentro da mata.

Os discípulos do monge, ao observarem toda aquela cena, ficaram assustados com a atitude de seu líder e resolveram questioná-lo:

— Mestre, por que o senhor decidiu ajudar esse animal tão asqueroso e perigoso? Por que não desistiu dele quando ele te picou, demonstrando que não tem gratidão nenhuma por aqueles que tentam ajudá-lo?

— Meus queridos discípulos, esse escorpião, ao me picar, simplesmente seguiu a sua natureza de se defender, enquanto eu estou seguindo a minha, a de auxiliar a todos os seres que precisarem de ajuda, independente de retribuição ou gratidão.

Assim, os discípulos guardaram para sempre na memória aquela lição, aprendendo que o verdadeiro amor não exclui nem discrimina, mas acolhe a todos que encontramos pelo caminho da vida.



Ilustração 3 — O que é o amor? **Luísa da Costa Vieira, 8 anos, 3º ano.**
Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Andréa Rollemberg, Martha Armini Pedrinha e Érika Viviane N. Coelho.

O que é o amor?

Um passarinho me contou que, certo dia, em uma sala de aula, uma criança perguntou para a professora o que era o amor.

Como já estava perto do intervalo para responder a pergunta, a professora propôs um desafio: os alunos teriam de observar no pátio da escola algo que despertasse um sentimento bom e, ao retornarem para a sala, compartilhariam a experiência.

Ao voltarem para a sala, a professora perguntou então o que as crianças haviam encontrado. Mariana, uma menina muito esperta, logo tomou à frente e foi falando:

— Professora, eu vi no jardim lá fora esta borboleta que trago nas mãos. As suas asas eram tão bonitas e coloridas que me senti feliz! Então a trouxe para mostrar aos colegas e guardá-la na minha coleção.

João, aluno muito estudioso, se levantou, mostrou em suas mãos uma linda rosa e disse:

— Professora, eu também fui ao jardim e me deparei com esta linda flor. O seu perfume era tão gostoso e me fez sentir tão bem, que resolvi trazê-la para que a senhora me dê uma boa nota.

Marquinhos, não querendo ficar para atrás, também se levantou, mostrou em suas mãos um filhote de passarinho e disse:



Ilustração 4 — O que é o amor? **Carlos Daniel Soares Freire, 8 anos, 3º ano.**
Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Érika Viviane N. Coelho, Andrea Rollemberg e Martha A. Pedrinha.

— Professora, eu estava passando perto de uma árvore e ouvi o canto de dois filhotes de passarinho. Eu os achei tão bonitinhos e espertos que os meus olhos brilharam e eu fiquei muito animado e contente. Assim, resolvi trazer um deles e ganhar o desafio.

A professora, percebendo que um dos alunos estava calado, convidou-o para contar o que havia visto. Paulinho, menino tímido e humilde, se levantou, mostrou as suas mãos vazias e disse:

— Professora, eu vi a borboleta, mas ela estava voando tão livre e feliz que não tive coragem de pegá-la. Depois observei a flor e senti o seu perfume, mas pensei que, se eu a arrancasse, logo o seu perfume acabaria e outras pessoas deixariam de senti-lo. Então vi um filhote de passarinho no ninho e imaginei que, se eu o pegasse, ele e sua mãe ficariam muito tristes, com saudades um do outro. Então, professora, eu nada trouxe, pode me dar zero!

A professora deu um sorriso de satisfação e disse:

— Não, meu querido aluno, a sua nota não será zero, mas 10! Você acabou de sentir e entender o que é o amor. O verdadeiro amor é desejar a felicidade e o bem-estar do outro, deixá-lo que mostre o que tem de melhor e compartilhar com o mundo os seus benefícios. Quando pensamos apenas na nossa felicidade, deixamos de sentir o amor e passamos a nutrir o egoísmo e a destruição, seja nas nossas relações com as outras pessoas, seja com o meio ambiente.



Ilustração 5 — A ratoeira. **Thayllane Castro da Silva, 9 anos, 4º ano.**
Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Marcília de Oliveira P. Assunção, Militina A.E.D. Werly

A ratoeira

Um passarinho me contou que havia em uma fazenda um pequeno ratinho que vivia feliz comendo biscoitos e outros alimentos guardados na despensa. Certo dia, a esposa do fazendeiro, cansada dos ataques do pequeno roedor, resolveu comprar uma ratoeira. Quando ela chegou em casa com o pacote, o ingênuo ratinho deu pulinhos de alegria achando que ela havia comprado mais comida, mas, ao ver que ela retirava do saco a ratoeira, quase caiu para trás de espanto.

Desesperado, achando que ia morrer naquela noite, o ratinho saiu pela fazenda em busca da ajuda dos outros animais. Ao encontrar o porco, o ratinho disse:

— Bom dia porco! Você tem de me ajudar. A dona da casa comprou uma ratoeira para me pegar!

O porco disse em um tom mal-humorado:

— Eu não tenho nada a ver com isso, pois ratoeiras servem para pegar ratos e não porcos. Caso contrário o seu nome seria porqueira.

Triste com a resposta do porco, o ratinho resolveu procurar a galinha:

— Bom dia, galinha! Você tem de me ajudar. A dona da casa comprou uma ratoeira para me pegar!

Incomodada pelo ratinho ter atrapalhado o seu banho de sol, disse:

— Eu não tenho nada a ver com isso! Nem dentro da casa eu ando, meu lugar é só o quintal e o galinheiro. Sinto muito, eu não posso ajudá-lo.

Mais desanimado ainda, o ratinho resolveu procurar a vaca:

— Bom dia, vaca! Você tem de me ajudar. A dona da casa comprou uma ratoeira para me pegar!

Ao saber da ratoeira, ela deu uma gargalhada e foi logo dizendo:

— Olhe bem para o meu tamanho. Você acha mesmo que essa ratoeira seria capaz de me pegar? Eu não tenho nada a ver com isso, a ratoeira é um problema só seu.

O ratinho voltou então para casa muito triste. Aguentou a fome ao máximo, mas, quando a barriguinha começou a roncar, decidido em pegar o pedacinho de queijo da ratoeira, eis que ele escuta um forte barulho e logo em seguida um grito estridente da dona da casa.

Ao chegar à cozinha, ele viu toda a cena: a ratoeira havia disparado com o rabo de uma cobra venenosa que passava por ali e a dona de casa, no escuro da cozinha, ao tentar pegar a ratoeira que acreditava ter pego um rato, teve a sua mão picada pela cobra.

Depois desse acidente, a mulher foi ficando muito doente. O seu marido, para animá-la, fez uma deliciosa canja da galinha que estava no terreiro. Como a mulher não melhorava, muitos parentes vieram visitá-la. Sem saber como alimentaria todo aquele povo, o fazendeiro resolveu matar o porco para fazer uma bela feijoada. A mulher, coitada, não resistiu e acabou morrendo. Para o enterro, seu marido resolveu matar a vaca, para que todos os presentes ao velório pudessem almoçar.

Assim termina a história, nos ensinando preciosa lição: se não cuidarmos do pequeno problema logo quando aparece, ele pode crescer e virar um problemão.



Cuidando da sua tarefa

Um passarinho me contou que, uma vez, ele encontrou na calçada um garotinho sentado com as mãos apoiando a cabeça, calado e com o olhar bastante triste. O passarinho então parou, sentou-se ao seu lado e perguntou o que estava acontecendo. O menino contou que estava muito chateado, porque a sua avó pediu para que ele e a irmã cuidassem do jardim, mas que só ele estava trabalhando enquanto ela ficava sentada brincando com as suas bonecas. Disse que não achava justo e que, por isso, também não cuidaria mais do jardim.

Aproveitando o momento para que tirasse uma lição daquela situação, o passarinho contou-lhe uma história:

Era uma vez uma família de tartarugas que resolveu fazer um piquenique. Como as tartarugas são animais que fazem tudo devagar, elas levaram um ano para escolherem o local do piquenique, dois anos para prepararem o lanche e três anos para chegarem ao lugar onde ele seria realizado. Quando elas finalmente iriam fazer a refeição, perceberam que haviam esquecido o sal e que a comida sem sal não ficaria tão gostosa.

Reuniram-se e decidiram, depois de longa discussão, que a tartaruga mais nova, por ser a mais rápida do grupo, ficaria responsável por voltar em casa, pegar o sal e trazê-lo de volta. A tartaruga escolhida não queria ir com medo de que quando voltasse, não tivesse mais lanche para ela, então falou que só buscaria o sal com uma condição: as outras tartarugas só poderiam comer quando ela retornasse. Todas acharam o pedido justo e aceitaram.

Passaram-se mais de três anos e nada de a tartaruga retornar. Então, outra tartaruga do grupo, já não aguentando mais de tanta fome, resolveu comer uma parte do lanche. Foi quando a tartaruga mais nova, que todos acreditavam que tinha ido buscar o sal, sai detrás de uma moita e diz:

— Tá vendo? Peguei vocês! Eu sabia que vocês não iam me esperar, agora é que eu não vou mesmo buscar o sal!

Após a história, a criança riu e entendeu que não podemos deixar de lado as nossas responsabilidades para ficar vigiando o que os outros estão fazendo, pois assim todos acabam sendo prejudicados, principalmente nós mesmos que perdemos a oportunidade de aprender e de sermos úteis.



Ilustração 7 — O retrato da paz. **Mario Júlio Barros de Araújo, 9 anos, 5º ano.**
Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Marlene Tolentino e Marli Mundim.

O retrato da paz

Um passarinho me contou sobre um rei, que gostava muito de arte e resolveu propor um desafio para os melhores pintores da região: aquele que conseguisse pintar a imagem que melhor representasse a paz ganharia um prêmio valioso.

No dia marcado para a grande exposição das obras de arte, todos admiravam pinturas belíssimas, como as de crianças brincando na praia, do céu azul e sereno, do arco-íris formado após a chuva, de pessoas tranquilas em suas redes, de bosques verdes e floridos.

Em meio a tantos quadros, uma pintura especial chamou a atenção do rei: era o retrato de uma paisagem formada por um céu escuro e carregado de nuvens de chuva, onde a vegetação se mostrava dobrada devido à força dos ventos fortes. No canto do quadro, havia uma rocha, em que apenas uma pessoa mais atenta poderia observar que na fenda do paredão de pedra havia um pequeno ninho de passarinho, no qual a mãe dos filhotes apenas observava toda a tempestade se formando, demonstrando confiança e tranquilidade.

O rei não hesitou e escolheu o quadro da tempestade como o que melhor retrava a paz. Quando questionado sobre o porquê da escolha, explicou:

— A verdadeira paz não está nas paisagens externas calmas e sem problemas, mas se encontra dentro de nós, quando mesmo em situações difíceis e inesperadas, conseguimos manter a calma e a confiança, como esse pássaro. Problemas sempre vão existir: cabe a nós decidirmos como enfrentá-los, se com desespero ou com coragem.



Ilustração 8 - Otimismo. **Raphael Gilson de Albuquerque, 12 anos, 5º ano.**
Escola CAUB I, Professora facilitadora: Marlene Pereira.

Otimismo

Um passarinho me contou que havia um rei que estava organizando uma grande festa, cheia de comidas e brincadeiras, para comemorar o aniversário de seu filho amado.

Todos foram convidados! Logo toda a praça se encheu de pessoas e de alegria. Mas de todas as brincadeiras que ali havia, uma acabou chamando mais a atenção: tratava-se de um poste de madeira bem liso e alto que deveria ser escalado, cuja ponta guardava uma cesta com vários doces gostosos e muitas moedas de ouro.

Os participantes se interessaram pelo prêmio e um rapaz alto e forte quis ser o primeiro a encarar o desafio. Após algumas tentativas que não deram muito certo (o rapaz não conseguiu chegar nem à metade), muito envergonhado, ele começou a dar desculpas:

— Essa é uma brincadeira de mau gosto do rei que deve estar em algum canto escondido rindo da nossa cara. É impossível chegar até o topo desse poste. Se eu, que sou o mais preparado daqui, não consegui, ninguém mais consegue. Podem desistir.

Assim, as pessoas, ao ouvirem as desculpas do rapaz, foram se afastando e desistindo da brincadeira. Foi quando uma criança, pequena e magrinha, aproveitou a confusão, tomou distância, correu e tentou subir no poste. Escorregou e caiu com o bumbum no chão. Tomou distância de novo, correu e mais uma vez, caiu no chão. As pessoas acharam aquela criança muito atrevida por tentar conquistar o prêmio. Começaram a rir dela e a gritar:

— Desiste! Desiste! Desiste!

A criança, entretanto, não desistia, e, na décima tentativa, finalmente conseguiu chegar ao topo e ficar com a cesta cheia de doces e ouro. Todos ficaram impressionados com a capacidade da criança. Logo a notícia se espalhou, chegando aos ouvidos do rei que quis conhecer o pai da criança e saber como aquilo foi possível.

Ao ser questionado pelo rei, o pai muito humilde respondeu:

— Acredito que duas coisas contribuíram para que o meu filho ganhasse o grande prêmio: primeiro, que ele tinha fome e segundo, que ele é surdo, não ouvindo as pessoas pedindo para que ele desistisse.

Ilustração 9 – O que estou fazendo aqui? **Vitória Rodrigues Barbosa, 9 anos, 5º ano**
Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Marlene Tolentino e Marli Mundim



O que estou fazendo aqui?

Um passarinho me contou que, certo dia, ouviu uma conversa muito interessante entre um filhotinho de camelo e sua mãe:

— Mamãe, por que nós, camelos, temos essas corcovas nas costas?

— Meu filho, somos animais do deserto e precisamos das corcovas para armazenar água por muito tempo e não morrermos de sede.

— Mamãe, e por que nós temos essas pernas tão compridas e patas arredondadas?

— Certamente, meu filho, é para que nós possamos caminhar com facilidade na areia do deserto, subindo e descendo as dunas.

— Mas mamãe, e por que nós temos cílios com pelos tão longos e grossos?

— Com certeza, meu filho, eles servem para proteger os nossos olhos da areia do deserto que o vento carrega.

— Mamãe, se nós camelos temos corcovas para armazenar água no deserto, pernas longas e fortes para caminhar na areia do deserto e cílios longos e grossos para proteger os nossos olhos da areia do deserto, então por que não estamos no deserto e, sim, neste zoológico?

Nessa hora, a mamãe camelo não soube o que responder para o seu filho...



Ilustração 10 – No lugar certo. **William Andrade Batista, 9 anos, 5º ano.**
Escola Classe Ipê, Professoras facilitadoras: Marlene Tolentino e Marli Mundim.

Reconto feito pelo aluno William, aluno do 5º ano A da Escola Classe Ipê

Um passarinho me contou que certo dia um papagaio estava conversando com a sua mãe e perguntou:

— Mãe, por que temos asas longas?

Aí a mãe respondeu:

— É para ajudar a voar melhor na floresta.

— Mãe, por que temos garras afiadas?

— É para conseguir segurar nos galhos da floresta.

— Mãe, por que temos estes bicos pontudos?

— Para comer e nos defender de outros animais da floresta.

— Mãe, se temos essas características, por que a nossa família está no zoológico e não na floresta?

Aí a mãe não soube responder...



A gota d'água

Um passarinho me contou sobre uma reunião que teria acontecido entre uma estrela, uma pérola e uma gota de água para decidirem qual delas era a mais importante. Falou então a estrela:

— Quem diria que eu haveria de ter o trabalho de descer das alturas para poder falar com vocês. Não sabem que eu sou mais alta que as nuvens e que meu brilho é tão forte que pode ser visto nos lugares mais distantes do espaço?

Respondeu então a pérola:

— Mas o seu brilho se perde entre tantas outras estrelas que existem no céu. Você está tão distante que só serve mesmo para ser admirada, não podendo ser abraçada por ninguém. Eu, ao contrário de você, sou buscada por muitos nos fundo dos mares e já enfeitei a coroa de muitos reis importantes. Meu valor é tão alto que sou disputada por todos. Agora, eu não sei é o que essa gota de lágrima está fazendo aqui entre nós... Afinal, qual é a sua importância?

Humildemente, a gota d'água respondeu:

— Eu não tenho o brilho da estrela nem sou valiosa como uma pérola. Nos lugares onde sou pouca, muitas pessoas rezam e acendem velas para que eu caia do céu. Na terra seca, a planta agradece em forma de flores e frutos a minha presença. Estou em todos os lugares. Entro não apenas na caixa d'água, mas penetro profundamente todas as almas, e me transformo em lágrimas de dor ou alegria a rolar pelos olhos dos poetas, dos sábios e até daqueles que nesse mundo nada têm, sendo eu o último recurso da esperança e a única companhia. Sem mim nada vive e através de mim todos expressam seus sentimentos e segredos mais profundos.

A estrela e a pérola reconheceram a grande importância daquela pequena gota d'água e aprenderam uma valiosa lição.



Base forte

Um passarinho me contou que dois vizinhos gostavam muito de ter plantas no quintal, mas que, um observando outro, percebeu que cuidavam dos jardins de forma muito diferente. Enquanto um vivia adubando e enchendo de água suas mudas, o outro quase nunca as regava.

Certo dia, os vizinhos se encontraram na rua e um perguntou para o outro o porquê de jogar tão pouca água nas árvores do seu jardim. Ele então explicou:

— Eu rego pouco minhas árvores para incentivar que suas raízes cresçam mais, penetrando o solo, a fim de encontrar a água de que necessitam, pois, se eu encharcasse a terra com a mangueira, suas raízes ficariam apenas na superfície, deixando-as frágeis para que qualquer vento as derrubasse. Depois daquela conversa, um dos vizinhos teve de se mudar de cidade e nunca mais se encontraram.

Anos depois, o que havia se mudado retornou à sua cidade natal. Era inverno, época de frio e ventos fortes. Ele observou então que as árvores pouco regadas do seu vizinho pareciam fortes e belas, ao contrário das outras árvores da rua que estavam secas, frágeis e envergadas para o lado.

O homem refletiu que, na natureza, a escassez pode fortalecer e que as nossas vidas não funcionam de forma muito diferente. Pensou nos seus filhos e que, se eles tivessem uma vida de muitas facilidades e mimos, talvez não tivessem raízes fortes o suficiente para enfrentar os problemas naturais que a vida pudesse lhes apresentar. Assim aprendeu uma grande lição: a de não desejar que seus filhos nunca tivessem problemas, porque estes uma hora ou outra aparecem, mas que eles tivessem raízes profundas nos bons valores, na confiança e no trabalho, para resistirem aos ventos fortes, assim como aquelas árvores do meu sábio vizinho.

As árvores do Cerrado são assim! Devido às dificuldades do período de seca e aos incêndios florestais, suas cascas são grossas e suas raízes profundas, ensinando-nos a também, sermos fortes, não importando o problema.



A verdadeira força

Um passarinho me contou que um guerreiro muito conhecido pela sua extrema crueldade. Por onde passava, deixava um rastro de destruição, queimando casas, acabando com plantações, matando pessoas e animais. Um dia, chegou a notícia de que aquele guerreiro, junto com seu exército, estava se aproximando de uma pequena aldeia. Quando as pessoas daquele povoado ficaram sabendo, se desesperaram e, temendo pelas suas vidas, fugiram para as montanhas, permanecendo ali apenas um velho, famoso pela sua sabedoria, mas que já não tinha forças para viajar.

Quando o guerreiro chegou, derrubando tudo o que via pela frente, e encontrou aquele pobre velho em frente à sua casa, ficou muito irritado pela audácia daquele senhor que parecia não o temer, assim, foi logo falando:

— Velho estúpido! Eu irei te matar com a minha espada, mas, pela sua coragem, deixarei que você me faça um último pedido.

O velho sábio então fez seu pedido:

— Eu quero que o senhor me acompanhe até a floresta e corte com a sua espada um galho de árvore. O guerreiro achou muito estranho aquele pedido e pensou mesmo que aquele senhor estava era ficando louco, mas, como tinha dado a sua palavra, resolveu atendê-lo.

Os dois foram até a floresta, o guerreiro cortou o galho verde de uma árvore e em seguida o velho pediu para que ele colocasse o galho de volta na árvore como estava antes. O guerreiro deu uma alta e forte gargalhada, afirmando que, se antes tinha dúvida, agora tinha certeza de que aquele velho estava realmente maluco, pois era impossível realizar tal pedido. Foi quando o velho, com confiança e serenidade, disse para o orgulhoso guerreiro:

— Eu não estou louco! Quem está louco é o senhor, que acha que tem poder só porque sai por aí destruindo tudo o que vê pela frente e as pessoas têm medo de você. Destruir não é ter poder, porque qualquer um pode fazer isso em questão de segundos... O verdadeiro poder está em fazer algo realmente difícil. O verdadeiro poder consiste em saber juntar, saber construir e tornar a vida aquilo que estava morrendo, esse sim é o verdadeiro poder!

O guerreiro muito impressionado pela sabedoria do velho e envergonhado pelas suas atitudes, teve de admitir que o poder de destruir era realmente muito limitado, e partiu daquela cidade sem nunca mais voltar, para a alegria de seus moradores.



Referências bibliográficas

KHAN, Noor Inayat. Penas douradas. In:____. *Contos Jataka: recontado por Noor Inayat Khan*. São Paulo-SP: Odysseus Editora, 2003. p. 53-57.

RANGEL, Alexandre. Agindo conforme a natureza. In:____. *As mais belas parábolas de todos os tempos: vol. I*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. v. I. p. 44.

____. A lágrima. In:____. *As mais belas parábolas de todos os tempos: vol. III*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. v. III. p. 27-28.

____. No lugar errado. In:____. *As mais belas parábolas de todos os tempos: vol. III*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. v. III. p. 135.

____. O piquenique das tartarugas. In:____. *As mais belas parábolas de todos os tempos: vol. III*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. v. III. p. 171-172.

____. O problema que não lhe diz respeito. In:____. *As mais belas parábolas de todos os tempos: vol. II*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. v. II. p. 193-194.

____. O verdadeiro poder. In:____. *As mais belas parábolas de todos os tempos: vol. I*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. v. I. p. 207-208.

____. O vestido azul. In:____. *As mais belas parábolas de todos os tempos: vol. I*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. v. I. p. 209.

____. Onde está o amor? In:____. *As mais belas parábolas de todos os tempos: vol. II*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. v. II. p. 220-221.

____. Os pessimistas. In:____. *As mais belas parábolas de todos os tempos: vol. I*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. v. I. p. 215-216.

____. Raízes profundas. In:____. *As mais belas parábolas de todos os tempos: vol. I*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. v. I. p. 237-238.

____. Retratando a paz. In:____. *As mais belas parábolas de todos os tempos: vol. I*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. v. I. p. 240-241.

Publicação disponível para download:



FITTIPALDI, Regina. *A menina valente*.

Ilustração: Girafa. Brasília, DF: Horizonte, 1992. 23 p.

Disponível em:

<http://www.ibram.df.gov.br/informacoes/educacao-ambiental/publicacoes.html>

Acesso em: 24 abr. 2017.





ISBN: 978-85-68931-05-9

PARCERIAS:

Associação dos Produtores Rurais e Moradores do CAUB I
Centro Educacional Agrourbano Ipê Riacho Fundo (CAUB I)
Conselho Gestor da ARIE
Escola Classe Ipê
Movimento Diálogos da Granja do Ipê
Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento Rural
Secretaria de Educação
Unipaz DF

APOIO:



REALIZAÇÃO:



Secretaria do
Meio Ambiente



GOVERNO DE
BRASÍLIA

MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE

